



Crônica da Cidade

por **Conceição Freitas** >> conceicaofreitas.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Bernardo, o filho

Trago comigo alguns heróis e heróinas, e deles não abduco. Alguns me acompanham desde a infância, outros foram conquistados com o tempo — Papai Noel, dom Quixote, Sherazade, Antônio Conselheiro, Zeca Pagodinho, Lucio Costa e Bernardo Sayão. Há mais, mas paro no Sayão, que é dele o dia.

Dele e do filho, Bernardo Carvalho de Araújo, a quem conheci há um ano, com quem estive uma única vez, para longa entrevista.

A conversa durou pouco mais de hora e meia, mas a impressão que o filho de Sayão deixou em mim perdurou por muito tempo. Meu entrevistado parecia ter saído das águas. Era límpido, espontâneo, genuíno. Procurei nele alguma soberba — afinal, Bernardo Sayão está em qualquer lista dos seis grandes heróis de Brasília. De trás pra frente ou de frente para trás. Não encontrei nenhum rastro de arrogância, aquela que usualmente acomete descendentes de notáveis.

Só não era de todo anônimo quando a carteira de identidade denunciava a origem. Goiano de Jaraguá, criado em Brasília, foi testemunha dos feitos do pai desde que ele criou a Colônia Agrícola de Ceres, no começo dos anos 1940. A família Sayão veio para Brasília em 1956 e foi morar na Rua do Sossego, que de tranquilidade tinha muito pouco. O engenheiro e ex-vice-governador de Goiás era um homem inquieto e agregador. “Ele era muito alegre, muito forte. Onde chegava, aglutinava simpatia. Era persistente. Quando tinha um projeto, ficava cego para as outras coisas”, contou Bernardo filho.

Na entrevista, o filho pôs sobre a enorme mesa de madeira, típica de fazenda, na varanda da casa do Lago Sul, um acervo precioso de fotos de Sayão e da família nos primeiros tempos de Brasília. Eu olhava aquelas imagens inéditas de um passado que eu quis muito ter vivido, olhava para o entrevistado e não conseguia entender o movimento da história. Como assim? Aqui está o filho de Sayão, aqui está a história, mas não há nenhuma cerimônia, nenhum gesto solene, mesmo disfarçado, nenhuma afetação. Bernardo filho era um homem sem máscara, característica rara nos tempos de hoje.

Foi sem máscara que ele contou das dificuldades que a família passou nos primeiros anos depois da morte do pai. Sayão não cuidou do patrimônio dos herdeiros, não tinha tempo para pensar em amealhar riqueza. “Meu pai era um idealista, tinha uma visão estratégica para o desenvolvimento do Brasil, isso é o mais importante de tudo. Temos que cuidar muito bem desse nome”, Bernardo filho me disse.

Na hora de ir embora, o entrevistado nos levou, a mim e à fotógrafa, ao carro. Olhei para ele, com seu sorriso amplo, seus olhos francos, e aprendi um pouco mais sobre o quanto pode um coração aberto.